

**A FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS
EM EDUARDO CARLOS PEREIRA E EVANILDO BECHARA:
UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO SOBRE ISMAEL COUTINHO**

Jaqueline Irala de Moreira (UEMS)

jaquelineiralam@gmail.com

Raul Silvestre Benitez Aguilera (UEMS)

raulsbaguilera@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho posiciona-se na área de língua portuguesa, na linha que compreende a pesquisa historiográfica, tem a finalidade de descrever e analisar a abordagem da morfologia na *Gramática Expositiva – Curso Elementar*, de Eduardo Carlos Pereira (1907), e a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (1999), a partir de frases retiradas dos contos e poemas – do início do século XX - de Ismael de Lima Coutinho. Serão analisados de forma cronológica os fatores que causaram alterações nas produções das palavras da língua portuguesa, como ocorreram essas alterações e quais foram, bem como o que essas mudanças trouxeram de acréscimo a língua portuguesa, se houve benefícios e quais foram. A estrutura da obra seguirá conforme os princípios Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996).

Palavras-chave:

Formação de palavras. História. Historiografia linguística. Morfologia

1. Introdução

O artigo apresentado pretende colaborar para uma proposta de um apoio cronológico das etapas históricas da formação de adjetivos por meio da derivação sufixal. A historiografia linguística traz grande contribuição a este trabalho, pois “ocupa-se com a descrição e explicação da maneira como se produziu e desenvolveu o conhecimento no decorrer do tempo e em um determinado contexto cultural e social” (ALMEIDA, 2017, p. 32). Para Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), a historiografia linguística consiste na descrição da história, na produção do historiador e no discurso sobre o passado, e com apoio nos escritos de Ernst Frideryk

Konrad Koerner, este trabalho foi organizado.

Para as análises de abordagem e historiografia foram utilizadas as literaturas de Eduardo Carlos Pereira (1907) e Evanildo Bechara (1999). Através de tais documentos, foi possível a análise da progressão no estudo da gramática e sua evolução, além dos conceitos e formações, principalmente o adjetivo (que é foco deste trabalho). E, com base nas obras de Ismael de Lima Coutinho foi possível, através deste subsídio literário histórico, perceber, analisar e pontuar as diversas mudanças na linguagem não somente diária, mas também literária.

2. A morfologia para Eduardo Carlos Pereira uma consideração histórica

A morfologia (*morphê* = forma + *logos* + *ia* = tratado) pode ser definida como o estudo do desenvolvimento léxico em seus contextos históricos e culturais, levando em conta a análise das formas dos vocábulos em sua criação e evolução morfológica, faz parte de um campo mais amplo da gramática, conhecido como morfossintaxe que, além de desenvolver o conhecimento sobre a forma do vocábulo, também estuda os efeitos das combinações materiais ou funções da sintaxe. Esse estudo objetiva a análise da evolução morfológica do léxico com base na estrutura do adjetivo suas formas e construções, levando em consideração sua construção por meio da análise autoral de tratados e documentos sempre considerando a contextualização da época e o contexto desses “tomos”. Sendo assim, esse estudo se divide em campos lexicais, através do conhecimento sobre origem, formação, estrutura e esferas de aspecto gramatical, que levam em conta a classificação em categorias e seus paradigmas flexionais.

2.1. Elementos morfológicos para Eduardo Carlos Pereira

O autor descreve que a estrutura da palavra é constituída pela soma dos elementos morfológicos de uma palavra:

[...] a raiz ou radical, que revelam o elemento irredutível do nome, os affixos (atualmente separados em prefixos e sufixos), que servem como parte modificante do sentido amplo da raiz, o thema, que sucede a sufixação ou prefixação para afirmar uma nova significância a um vocábulo já formado (raiz mais afixo) e a desinência, que, encaixando vogais ou vogais e consoantes ao fim da palavra, serve para designar gênero, número, tempo e pessoa ao discurso (me-

Apesar da soma complexa de elementos por trás do adjetivo, é inquestionável sua subordinação ao nome que se refere apenas a sua raiz permanece imutável, todas as outras partes que o constituem faz jus ao status quo do substantivo na locução. Seguindo a ideia de caracterização quanto ao nome, por exemplo, a desinência passa a assumir um caráter que confere biformidade à flexão adjetiva, permitindo uma forma para cada gênero, enquanto a presença dos afixos serve para modificar a ideia entremeadada à raiz do termo, condizendo com sua relação “subordinativa” na formação do adjetivo e sua semântica.

2.2. Formação de adjetivos para Eduardo Carlos Pereira

Na formação de adjetivos, mesmo considerando a afinidade – *nomen substantivum et adjectivum* – descreve que a função léxica do adjetivo restringe o substantivo a sua função e significado, indicando qualidades e circunstâncias. Sendo assim, estabelece que o adjetivo indique uma qualidade simples da substância enquanto o substantivo expressa uma qualidade complexa na substância. Sendo assim, estabelece que o adjetivo indique uma qualidade simples da substância enquanto o substantivo expressa uma qualidade complexa na substância:

Deste fato decorrem afinidades gramaticais tal qual o caráter misto de palavras que, hora podem ser classificadas como substantivos e outras como adjetivos, como: *amador, guerreiro, egoísta e moço*. Além disso, a grande quantidade de substantivos que derivam de adjetivos, como: capital, estudante, negociante e pastoral. (PEREIRA, 1907, p. 143)

2.3. Evolução das categorias gramaticais para Eduardo Carlos Pereira

Eduardo Carlos Pereira (1907) descreve, brilhantemente, que não há modo analítico evolutivo no qual existe distância absoluta entre a relação adjetivo-substantivo (ou do nome), uma vez que não se pode nomear uma coisa se não por suas qualidades, sendo que a origem do próprio nome deriva de características. Logo, não pode ser separada a ideia de cidade capital (relação de substantivo e sua adjetivação) do nome capital, ou até uma fita escarlate, que recebe o nome a partir de sua característica. Este autor utiliza diversos exemplos de derivação, desde a língua latina para apresentar suas constatações. Além disso, mesmo sem citar

denominação, na parte de substantivação e sua consequente adjetivação, Eduardo Carlos Pereira considera a existência dos morfemas nucleares, ou raízes que, para o autor, “são elementos originários e irredutíveis, carregando em si a conceituação do nome desde seu contexto histórico e dos radicais, que funcionam como segmento lexical da palavra, funcionando como uma perspectiva sincrônica”. (PEREIRA, 1907)

2.4. Flexão das categorias gramaticais para Eduardo Carlos Pereira

Quanto aos aspectos de flexão das categorias gramaticais, é levado em consideração o conceito de palavras objetivas, que correspondem a uma representação bem definida (substantivos, adjetivos e verbos) e palavras subjetivas, que podem designar uma ideia vaga e variável (preposições, conjunções e pronomes). Nas categorias flexivas ou variáveis encontramos as classes de substantivos, adjetivos, verbos e pronomes, já nas categorias inflexivas ou invariáveis estão as classes de advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Ao estudo da flexão das categorias é dado por Eduardo Carlos Pereira, o nome de flexionismo.

Ao flexionismo é atribuída a definição das variações e mudanças de desinência (flexões) que ocorrem de modo orientado e restrito em classes como substantivos, adjetivos, pronomes, verbos e até os advérbios, no intuito de atribuir funções tais quais para número, gênero, grau, modo, caso, tempo e pessoa.

Além disso, existem, também, as flexões internas, ou deflexões, que, consistem na mudança da vogal da raiz sob a influência de um prefixo, como, por exemplo, a diferença semântica na atribuição de termos como amigo e inimigo (*amicum* e *inimicum*). (PEREIRA, 1907, p. 156-157)

Característica que revela o caráter altamente flexivo da nossa língua, sendo esta derivada do latim (língua altamente flexionada também). Sendo assim, mesmo sem a designação na época, encontramos o aspecto de língua sintética no português, uma vez que apresenta diversos morfemas em suas palavras. Dessa forma, a língua portuguesa se caracteriza como uma língua sintética do tipo flexiva, ou fusional, que, apesar de apresentar inúmeras possibilidades semânticas quando há existência de morfema, acaba os apresentando de forma entrelaçada sem regras fixas.

2.5. Flexão do adjetivo

É sabido que o processo flexional do adjetivo se assemelha ao do substantivo, principalmente nas esferas de gênero e número. Tanto que, para esse processo, é necessária a análise do substantivo a qual se refere. Entretanto, existem particularidades para a flexão adjetiva, das quais trataremos agora:

Adjetivos determinativos latins com suas três formas genéricas (masculino, feminino e neutro) passaram a funcionar como pronomes neutros em sua terceira forma, são exemplos:

- *Iste, Ista e Istud - Este, Esta e Isto;*
- *Ipse, Ipsa e Ipsum - Esse, Essa e Isso;*
- *Ecu+ille, Ecu+illa e Ecu+illum - Aquele, Aquela e Aquilo;*
- *Totus, Tota e Totum – Todo, Toda e Tudo.* (PEREIRA, 1907, p. 142-143)

Adjetivos terminados em –or, –al ou –z, que eram, até o séc. XVI, uniformes e invariáveis em gênero, se tornaram “biformes”:

- *Dona entendedor - entendedora;*
- *Língua hespanhol- espanhola;*
- *Gente portuguez – portuguesa.* (PEREIRA, 1907, p. 142-143).

Resistem a essa regra de flexão alguns adjetivos em formas específicas:

- *Comparativos sintéticos: melhor, pior, maior, menor, superior, inferior, interior, exterior (permaneceram). Porém suas formas femininas mantiveram aplicações diferentes: melhora, piora e superiora;*
- *Adjetivos formados de substantivos: incolor, bicolor;*
- *Alguns com terminação –ez: cortez, montez.* (PEREIRA, 1907, p. 156)

Grau dos adjetivos: o processo formador das classes comparativas e superlativas teve suas formas sintéticas (orgânicas) eliminadas em seus graus de significação: - *Comparativos: o sintético de superioridade terminado em –or foi substituído por uma forma “peri frásica” com o advérbio mais: justior – mais justo. Resistiram à essa regra os sintéticos: bom, mau, grande e pequeno (melhor, pior, maior e menor);*

- *Superlativos: os sintéticos terminados em –issimus, –errimus e –limus (justissimus, nigerrimus e bumillimus) foram adaptados a linguagem popular através de uma forma “peri frásica” com o advérbio muito ou quaisquer outros que expressem a mesma ideia.* (PEREIRA, 1907, p. 156-157).

3. A morfologia para Evanildo Bechara – uma abordagem moderna

Levando em consideração a literatura de Evanildo Bechara, encontramos constatações sobre o período introdutório e o estudo da morfossintaxe que se assemelham à premissa de Eduardo Carlos Pereira. Entretanto, com o maior estudo dos elementos formadores da linguagem, o autor apresenta normatização mais técnica, regras mais atualizadas e conceitos mais concretos quanto ao atual estudo da língua contemporânea.

O autor apresenta conceitualmente a definição do termo *palavra* sobre três pilares que só funcionam juntos: "[...] o aspecto material, como significante ou expressão, o aspecto gramatical como uma classe determinada e suas incumbências e, por último, sua significação lexical com suas relações em uma oração, por exemplo". (BECHARA, 1997, p. 122-123)

3.1. Renovação do léxico e a criação de palavras

É inevitável a constatação de que a língua se adapta à vida em sociedade, às necessidades culturais, científicas e da comunicação em geral. Sendo assim, Evanildo Bechara descreve que as palavras que vêm ao encontro de uma necessidade renovadora se chamam *neologismos* e *arcaísmos*.

Os neologismos são formas de revitalização lexical da língua que acabam sendo incorporados através de diversos métodos, tanto formais quanto informais: “[...] um, mais informal, pelo uso dos elementos constituintes da linguagem, em seu significado usual ou atribuindo novas ideias e outro, mais formal, através de composições e derivações”. (BECHARA, 1997, p. 122-123)

Além disso, outra fonte da renovação lexical são empréstimos e decalques linguísticos:

São elementos gramaticais emprestados ou traduzidos (calços linguísticos) de outra comunidade linguística dentro da mesma linha histórica (regionalismos, terminologias, nomenclaturas e gírias) ou até de idiomas estrangeiros que incorporam ao léxico da língua, como latim e grego. (BECHARA, 1997, p. 293)

Os principais processos para a formação de palavras na língua portuguesa através do ponto de vista expressivo ou de sua constituição

material são a *composição e a derivação*.

Levando em consideração, a premissa do atual trabalho, que é a análise histórico-linguística da derivação da classe dos adjetivos através dos afixos, o enfoque será o processo da derivação sufixal.

3.2. A derivação como processo de formação de palavras

A derivação, principalmente na língua portuguesa, ocorre através de radicais derivados da língua latina associados aos afixos.

Os sufixos, diferente dos prefixos, possuem uma aplicabilidade permeada de diversas regras e aplicações, tendo em vista que, ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases as quais são agregados e, dos quais não são dissociados.

3.3. Estrutura das unidades e elementos afixos: o sufixo

O sufixo, como descrito por Evanildo Bechara:

[...] é um elemento que não possui curso independente na linguagem, tendo em vista que é empregado ao final da base da palavra para agregar uma nova análise e entendimento, uma vez que pode delimitar nova categoria ou definir ideia nova. (BECHARA, 1997, p. 299)

Além disso, é compreendido que o sufixo adquire função morfológica, pois, na maior parte das situações, acaba alterando a categoria gramatical do radical do qual sai o derivado e traz relação da palavra com a qual se agrega a nomes, sejam aumentativos (*casarão*), diminutivos (*almofadinha*), agente ou ofício (*cantor*, *sapateiro*), de ação (*casamento*), de instrumento, coletivos e pátrios.

É importante pontuar, também, as diferenças entre os sufixos derivativos e as desinências nominais, uma vez que podem ser confundidos. “Os sufixos, além de serem quase sempre tônicos, vêm imediatamente após o núcleo da palavra, enquanto as desinências, que quase sempre atônicas, aparecem somente após o sufixo”. (BECHARA, 1997, p. 299-300)

3.4. Principais sufixos formadores de adjetivos

- (d)io*, -*(d)iço*: fugidio, move-diço (todos tirados do tema do particípio);
- áceo*: rosáceo, galináceo;
- acho*: verdacho;
- aco*: demoníaco;
- ado*: barbado;
- al*: vital, boçal;
- âneo*, -*anho*: sucedâneo, estranho;
- ano*: humano;
- ardo*: felizardo;
- ário*, -*eiro*: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro;
- asco*: pardavasco;
- ático*: problemático, aromático;
- átil*: portátil, volátil;
- az*: mordaz, voraz;
- bundo*: furibundo;
- eno*: terreno;
- ento*, -*(l)ento*: cruento, corpulento;
- eo*: róseo;
- esco*, -*isco*: dantesco, principesco, mourisco;
- iano*: canoniano, virgiliano;
- ício*, -*iço*: acomodático, enfermiço;
- ino*, -*im*: bailarino, paladino, paladim;
- onho*: medonho, risonho;
- oso*, -*uoso*: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso;
- timo*: marítimo;

- udo: barrigudo, cabeçudo;
- undo, -ondo: fecundo, redondo;
- urno: diurno;
- vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil;
- observação: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em -iano e não eano: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano;
- ico: público;
- engo, -lengo: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo);
- al, -ar: anual, escolar;
- aico: prosaico;
- estre: campestre;
- este: celeste;
- douro: vindouro, imorredouro;
- tório: expiatório, satisfatório;
- ivo: afirmativo, lucrativo;
- ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilionáceos;
- ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engeheirando etc.

3.5. O adjetivo e seus instrumentos por Evanildo Bechara

O autor, mesmo após quase um século, continua mantendo a relação entre o adjetivo e o substantivo muito clara. Trabalha essa ideia quando descreve o adjetivo como uma delimitação, o elemento que caracteriza as possibilidades designativas do substantivo, sendo orientado por uma referência a qualquer aspecto do denotado. A relação gramatical entre o signo delimitador e o delimitado é expressa pela concordância.

Além disso, caracteriza a delimitação com diversas distinções, ou seja, o caráter que é atribuído ao substantivo. São algumas dessas distinções: explicação, especialização, especificação e que são expressas por seus instrumentos verbais correspondentes. Ou seja, o autor além de designar a constituição da relação substantivo-adjetivo constrói sua teoria sobre como essa ocorre e ao significado que a oração toma. Define que:

A estrutura interna dessa classe é caracterizada pela combinação de um signo lexical expresso pelos radicais com signos morfológicos expressos por desinências (como afixos de gênero e número) e alternâncias, ambas existentes somente quando combinadas. (BECHARA, 1997, p, 121)

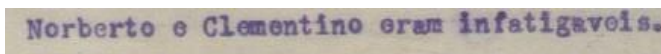
4. *Historiografia linguística de Ismael de Lima Coutinho*

Ismael de Lima Coutinho, professor e filólogo brasileiro, teve grande importância para os estudos linguísticos através de sua obra e é um dos primeiros autores a tratar da língua portuguesa em uma perspectiva histórico-comparativa.

Coutinho complementa que existe uma estrita relação entre as gramáticas descritivas e históricas, sendo que em sua natureza essas servem como complemento. Onde a gramática descritiva peca com descrições ou irregularidades, a histórica explica através de leis e princípios.

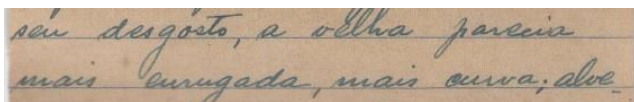
Utilizaremos de trechos em sua obra literária para demonstrar a evolução gramática da linguagem.

Apesar da escrita “antiga” com a qual os contos são dados, é facilmente perceptível a ocorrência de regras que concordam tanto com Eduardo Carlos Pereira, quanto com Evanildo Bechara:



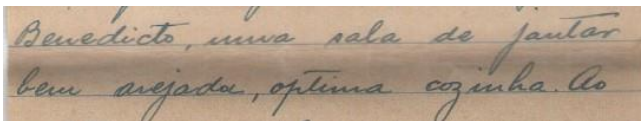
Norberto e Clementino eram infatigáveis.

Nessa oração notamos que, a noção de pluralidade e a flexão em adjetivos positivos permanecem concordando com as mesmas regras presentes em Evanildo Bechara – Observamos, também, uma derivação através de afixos: o radical “fatiga” carrega um significado de negatividade com o prefixo “in” e sua atribuição aos sujeitos com o sufixo “-veis”;



são desgosto, a velha parecia
mais enrugada, mais curva, etc.

“a velha parecia mais enrugada, mais curva;” – Passagem que demonstra uma flexão de grau comparativa que não empregou forma nova de adjetivação e sim a presença do adverbio mais, para denotar maior intensidade à observada anteriormente – É, também um adjetivo que possui processo de formação através da derivação no uso de sufixação: enrugada, com sufixo -ada, conferindo-lhe caráter de rugas ao sujeito.



“Uma sala de jantar bem arejada, optima cozinha.” – Dentro desse período, observamos uma derivação sufixal no adjetivo “arejada”, conferindo ao objeto tratado uma nova característica – Além disso, possuímos a derivação através do sufixo -ada em uma palavra que possui o radical “ar”, conferindo-lhe característica de ventilada;



Passagem curta que revela mais uma flexão na sufixação: o adjetivo com o radical que passa a ideia do verbo rasgar, acompanhado pelo sufixo -ado /-ada confere o caráter do produto do verbo ao sujeito;



O adjetivo em questão, além da análise de sua derivação, merece, sem sombra de dúvidas uma análise contextual: sertanejos eram aqueles que provinham do sertão, sub-região do nordeste brasileiro e de onde, certamente, essa terminologia foi originada. Radical de sertão seguido por sufixo -ejos, conferindo-lhe caráter de habitantes ou frequentadores.

5. Conclusão

A conclusão desse trabalho nos mostra que a gramática é constantemente variável. No entanto, é inevitável, também, a percepção de que mesmo após quase um século, algumas regras se mantêm.

O estudo historiográfico aliado ao estudo da abordagem morfosintática na grafia de uma língua revela padrões que se adaptam tanto à

formalidade quanto a informalidade.

Através desse estudo em três etapas a constatação de que o estudo morfológico da língua, apesar de enriquecido por uma maior quantidade de normas, regras, exceções e percepções, é uma ferramenta imprescindível para observar a evolução da escrita e da fala.

Com base nas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara é clara a evolução das ferramentas analíticas aliadas ao respeito da historiografia linguística, uma vez que, com a maior experiência e o maior acervo para análise, os métodos para a normatização de uma morfologia contemporânea são aprimorados e, ao mesmo tempo, uma morfologia contemporânea não pode ser incumbida desse título sem o conhecimento do que era antes, ou seja, sem o percurso de sua evolução e, o mais importante, com base em quais motivos foi adaptado. Com uma diferença de quase um século entre suas publicações, os próprios tópicos intrínsecos de cada um que lidam com a evolução da gramática são completamente diferentes: Eduardo Carlos Pereira leva em consideração adaptações do latim e fonemas, enquanto Evanildo Bechara apresenta um horizonte mais normativo e baseado nas construções e na semântica.

Além da análise baseada na literatura dos dois grandes autores, foi possível a análise da obra de Coutinho e o entendimento da evolução linguística através dos métodos de estudo historiográfico de Ernst Frideryk Konrad Koerner, que, através de seus três métodos de percepção, trouxe uma análise mais concreta e universal ao contexto da historiografia linguística.

Quanto às obras de Ismael de Lima Coutinho, é inevitável constatar o quanto que o autor trouxe não somente à gramática e à morfologia, mas à poesia e literatura também. Ismael de Lima Coutinho, apesar de grande estudioso da gramática e autor de livros analíticos dessa, em seus contos, consegue demonstrar o motivo pelo qual é tão bom autor: a versatilidade e a riqueza. Utilizando de infinitos, porém simples, detalhes, consegue enriquecer sua narrativa de maneira brilhante. Levando em consideração o tempo de publicação dos contos usados nesse estudo, é simples encontrar elementos de evolução da morfologia das palavras, como o uso recorrente de -ph.

Sendo assim, a análise combinada as obras dos autores teve como resultado a confirmação de um produto evolutivo aprimorado, nossa gramática. É necessário citar novamente a relação que Coutinho faz com a gramática descritiva e a histórica, pois, Eduardo Carlos Pereira e Eva-

nildo Bechara também constatam que a progressão linguística não deriva de fator isolado e sim da combinação da normativa atual com a historiografia. Um produto que evolui com utilização e com necessidade, a língua é o reflexo da cultura do povo que a utiliza e, independente da época, sempre que consultada, trará estudos brilhantes como os que analisamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa: um estudo historiográfico*. 2007. Tese (de Doutorado). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 36 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1997.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. O Benedito. *Espólio de Ismael Coutinho*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_benedito.pdf>. Acesso em: 28-11-2017.

_____. O Negro Eugenio. *Espólio de Ismael Coutinho*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_negro_eugenio_conto.pdf>. Acesso em: 28-11-2017.

_____. O Velho Tropeiro. *Espólio de Ismael Coutinho*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_velho_tropeiro_conto.pdf>. Acesso em: 28-11-2017.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/240/253>>.

_____. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso elementar*. 12. ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog, 1907.